

## Futebol, a entrada notável do futebol nos museus: o caso francês, de 2010 até os dias atuais

Football, une entrée remarquable dans les musées: le cas français, de 2010 à nos jours

Claude Boli\*

**Resumo:** O artigo focaliza o cenário museológico francês e ambiciona, nesse contexto, expor como o futebol adentrou os museus e como (este movimento) pode inspirar a museografia do século XXI. Há muito considerado como assunto fútil, marcado pela sua aproximação aos gostos dos círculos populares, este esporte foi excluído dos “salões museológicos”. Na França, desde 2010, o futebol fez uma entrada notável nos museus. A partir desta década, o futebol é elevado a um assunto de excelência, no que se refere à compreensão de certas facetas das sociedades contemporâneas. O caminho para o conhecimento e o reconhecimento foi longo. Artistas, de Pablo Picasso a Adel Abdessemed, rapidamente viram o futebol como a expressão de um mundo em mudança. Eles apontaram os desafios do futebol. Paralelamente a grandes eventos internacionais e altamente divulgados, como o Euro Futebol ou a Copa do Mundo, os museus passaram a hospedar o futebol, em iniciativas relacionada à cidadania, à política e à economia. Assim, novas formas de abordar este fenômeno social foram gradativamente incorporada aos museus. O trabalho do etnólogo Christian Bromberger foi convocado e contribuiu para a legitimação do tema futebol. Conclui que incorporar, globalizar, reverter e descompartmentar são os caminhos a percorrer para explorar as novas áreas de uma museografia em sintonia com os desafios de uma nova era.

Palavras-chave: Futebol. Culturas. Museu. Museografia. França.

**Résumé:** Exposer comment le football est-il entré dans les musées et comment peut-il inspirer la muséographie du XXI<sup>ème</sup> siècle, telles sont les ambitions de cet article principalement focalisé sur le cas français. En France, depuis les années 2010, le football fait une entrée remarquable dans les musées. Longtemps considéré comme un sujet futile, et marqué par son rapprochement avec les goûts des milieux populaires, il a été mis hors-jeu des « salons muséaux ». A présent, le football est élevé en sujet d'excellence pour appréhender les facettes des sociétés contemporaines. La reconnaissance fut longue. Et pourtant il y avait matière à déceler dans le jeu, un signe palpable de la modernité. Les artistes, de Pablo Picasso à Adel Abdessemed, ont très vite vu dans le football, l'expression d'un monde en mutation. Ils ont pointé les enjeux du football. Lors d'événements d'envergure internationale et hautement médiatisés tels que l'Euro football ou la Coupe du monde, les musées accueillent le football. L'initiative est citoyenne, politique et économique. Une autre façon d'aborder un sujet de société s'installe progressivement dans les musées. Les travaux de l'ethnologue Christian Bromberger sont convoqués et contribuent activement à la légitimation du sujet footballistique. Incarner, mondialiser, déviriliser et décloisonner constituent les chemins à défricher pour explorer les nouveaux terrains d'une muséographie en phase avec les enjeux d'une nouvelle ère.

Mots clés: Football. Cultures. Musée. Muséographie. France.

---

\* Historiador, Doutor em História contemporânea pela Universidade De Montfort, na Inglaterra, e em Sociologia pela Universidade de Nantes. Responsável Científico no Musée National du Sport (Nice, França).

## INTRODUÇÃO

No verão de 1996, durante uma exposição dedicada ao futebol no impressionante edifício do Manchester Art Galleries, Eric Cantona, o lendário jogador de futebol do clube Manchester United e autor de várias obras artísticas, confidenciou-me: “No próximo milênio, o futebol conquistará todos os grandes museus. A França vai acompanhar, ela não terá escolha porque o assunto é onipresente e revelador de um esporte que fala de quem somos” (BOLI, C, 1996, entrevista com Eric Cantona realizada em Manchester). A intuição se confirma. Na França, na última década, o futebol foi se estabelecendo gradativamente nos salões de prestigiosos museus de empresas e outros locais de “alta cultura” (bibliotecas, espaços culturais, galerias de arte). Há muito tempo ignorado e denegrado por sua proximidade com a cultura popular, o futebol passa a ser percebido como um assunto eminentemente cultural. As questões que envolvem o fervor do futebol são agora dignas de serem utilizadas para compreender as mudanças na sociedade francesa.

Este artigo pretende mostrar de maneira breve a forma como se construiu o reconhecimento do futebol como objeto museológico com forte ressonância social e, por outro lado, observar como a entrada do futebol nos museus permite vislumbrar novas formas de redefinir a museografia do futuro. A abordagem investigativa cruza o método histórico, sociológico e a experiência de “curador” da exposição.

Serão explorados cinco percursos: a evocação de artistas, o contributo das ciências humanas e sociais, a experiência pessoal, os lugares de legitimidade e os elementos de uma museografia do futuro tomando como modelo a cenografia do futebol.

### I. Futebol: uma fonte de inspiração artística

#### 1. Expressão pictórica

O futebol moderno nasceu na Inglaterra em meados do século XIX. A prática foi promovida em estabelecimentos de elite e, na década de 1880, tornou-se um marco da conquista social das categorias populares. Os estágios da visibilidade da classe trabalhadora são expressos da seguinte forma: 1883: o time do Blackburn Olympic, formado principalmente por trabalhadores, vence a Copa da Inglaterra (*FA Cup*) contra a formação burguesa dos *Old Etonians*; 1885: adoção do estatuto profissional; 1888: lançamento do campeonato profissional. A representação gráfica do ato esportivo dependia da posição social da prática. Pela proximidade com os meios populares, o futebol era pouco valorizado. As considerações artísticas se concentravam em campos

onde o esporte era um pretexto para o mundanismo e para a afirmação social de categorias aristocráticas e burguesas. Os esportes mais proeminentes eram as corridas de cavalos, o remo, o golfe ou o tênis (WILDER, FLW, 1974).

Thomas Webster (1800-1886), ilustre pintor de cenas cotidianas (vida escolar ou rural), assina uma das primeiras representações do jogo (COX; RUSSELL; VAMPLEY, 2002). A pintura é intitulada *The Football* (1839). É uma cena comovente de uma partida em um cenário do interior. O fervor das partidas do campeonato nacional atraiu Thomas Hemy (1852-1937), *Sunderland contra Aston Villa* foi concebido em 1895. É uma obra-prima da popularidade do futebol na era vitoriana. O imaginário do futebol foi ampliado pelo notável trabalho do ilustrador John Hassall (1868-1948). Em 1903, ele desenhou a capa de uma série de livros históricos do futebol: *Association Football and the Men Who made it*.

A “mania” do futebol foi se espalhando pela Europa e pelo resto do mundo. A França seguiu a tendência inevitável: muito apreciado pelos britânicos e pela elite anglófila, o futebol se desenvolveu na década de 1890. O *boom* começou com a criação de clubes, em particular em Paris (*White Rovers, Standard Athletic Club, Racing Club, Stade Français*), e depois continuou nas escolas parisienses e provinciais de renome (*Lycée Janson de Sailly, École Monge, Lycée Malherbe de Caen*).

O interesse artístico foi se mostrando de forma tímida. O futebol estava ausente do repertório impressionista e da “arte oficial”<sup>1</sup>, até que uma mudança ocorreu no século XX. Apesar de parecer confundir o futebol (*dribbling game* - jogo de drible) e o rugby (*handling game* - jogo com as mãos), “*Les joueurs de football*” (1908) de Henri Rousseau (1844-1910) prenunciava o fascínio pelo futebol. Os movimentos artísticos de vanguarda evocaram o futebol porque era percebido como evidência da modernidade, de um mundo em mudança. O italiano Umberto Boccioni (1882-1916), uma das figuras do Futurismo, ofereceu ao futebol uma entrada espetacular e significativa com “*Le Dynamisme d’un footballeur*” (1913). O movimento, o dinamismo dos corpos em ação e o brilho das cores eram cativantes. Os cubistas reagiram. Robert Delaunay (1885-1941) ofereceu uma visão original da prática através da obra *Football* (1918). Jean Metzinger (1883-1956), um notável do cubismo parisiense, experimentou o futebol com um espírito decorativo em “*Composition au ballon de football*” (por volta de 1918). Chamou a atenção o fascínio pelo goleiro, personagem único na equipe (roupa especial, único autorizado a jogar com as mãos). Jean Jacoby (1891-1936) exaltou o papel do goleiro

---

<sup>1</sup> : Esse atraso francês foi excelentemente mencionado nesta obra de referência. CHAZEAU Pierre. *Art et Football, 1860-1960*, Touloud, 1998, p.7

em "*Corner*" (1924). Em uma composição geométrica, Rodolphe Caillaux (1904-1989), pintor expressionista da Escola de Paris, captou a pegada da bola em "*Le Gardien de but*" (1950).

Desde o lançamento da Copa da França (1917), apesar das dificuldades devido à Grande Guerra, o futebol passou a gozar de uma popularidade sem precedentes. E a imprensa contribuiu para sua expansão. As grandes cidades (Paris, Lille, Marselha) eram os locais de sua promoção. Os grandes artistas não ficaram indiferentes. André Lhotte (1885-1962) se apaixonou pela beleza dos músculos em ação em "*Les Joueurs de Football*" (década de 1920). Pablo Picasso (1881-1976) participa desse movimento do futebol, apresentando uma representação geométrica e abstrata em "*Joueurs de football sur la plage*" (1928). O campeonato profissional francês foi criado em 1932, e a Copa do Mundo lançada em 1930 transformou a prática em uma paixão planetária. O futebol era um dos esportes mais apreciados nos meios populares. Era onipresente na imprensa e no rádio. Apareciam as primeiras estrelas nacionais e internacionais. O encanto ia além da classe social e do gênero em alguns aspectos. Adrienne Jouclard (1882-1972), uma das primeiras mulheres a pintar o esporte, capturou o movimento dos jogadores em vários quadros: "*Le Football*", "*Football*" (1930)<sup>2</sup>. O eco social do futebol continuava aumentando. A internacionalização das competições e a circulação dos melhores jogadores nos grandes clubes reforçavam esse fascínio. O assunto atraía artistas de todo gênero. Jean Peltier (1907-1984), conhecido como pintor de paisagens marinhas, assinou uma tela realista, "*Scène de football*" (por volta de 1940). Em 26 de março de 1952, em Paris, no estádio Parc des Princes, Nicolas de Staël (1913-1955) descobriu o futebol. Ele assistiu a uma partida noturna da seleção francesa contra a seleção sueca. Foi uma revelação para ele, que sentiu um choque emocional, uma experiência sensorial única. Depois do jogo, produziu fervorosamente vários esboços de todos os tamanhos, que lotavam seu ateliê<sup>3</sup>. Entre suas obras, "*Parc des Princes*" (1952) se tornaria um clássico da arte do futebol.

## 2. Paixão em cartaz

A arte do pôster deve muito ao artista francês Jules Chéret (1836-1932). Em 1870, ele desenvolveu a cromolitografia, um avanço técnico revolucionário<sup>4</sup>. O aparecimento de pôsteres, desde os primeiros anos das competições esportivas, foi

<sup>2</sup> : Catálogo da exposição: Adrienne Jouclard. En Mouvement, Mairie d'Onville, 2014, p.70 et 71.

<sup>3</sup> : *Connaissances des arts hors série*. Nicolas de Staël. N° 190. 2003. p.35.

<sup>4</sup> : Ver BOLI Claude: *Catalogue d'exposition*. Beaux Arts supplément. Sports, affichez-vous !, Musée National du Sport, 2011, p.6.

fruto de uma vontade - não disfarçada - dos organizadores estarem presentes em estabelecimentos que ofereciam espetáculos. O pôster é, portanto, filho do espetáculo esportivo. Os primeiros pôsteres eram relativos às grandes competições. Os artistas mais proeminentes da época eram convidados a anunciar um momento espetacular. Joë Bridge (1886-1967), renomado cartunista da imprensa e criador de uma agência de publicidade, produziu o pôster de um emocionante encontro "*Coupe de France. Club Français contra o Olympique G.C. de Nice*" (1931). O sucesso do futebol popular ganhou vida em *Les Rois du sport* (1937), um filme estrelado pelos "sulistas" Fernandel e Raimu. No pôster, Fernandel vestia um uniforme de goleiro. Em 1938, a França sediou a Copa do Mundo FIFA: o encontro das melhores seleções do mundo. Foi uma grande recompensa para o francês Jules Rimet, Presidente da FIFA, e, acima de tudo, feroz instigador da ideia de uma Copa do Mundo. A FIFA lançou um concurso para escolher o criador do pôster. Três artistas competiram por essa honra. A composição de Henri Desmé, ex-aluno da Escola de Belas Artes de Rennes, que destacava a universalidade do concurso, foi premiada. Ela representava um jogador colocando o pé e uma bola sobre o globo terrestre. As duas obras de Joë Bridge e Edgar Derouet (1910-2001) apresentavam um goleiro<sup>5</sup>. A atitude marcial do jogador na obra de Desmé trazia um certo mal-estar ao evocar uma Europa dominada por posturas autoritárias. Em tempos de guerra, o futebol às vezes era mantido para garantir "uma vida normal". O regime de Vichy, por exemplo, criou uma competição paralela, negando o campeonato profissional. A iniciativa patriótica se mostrava de forma clara. "*A Copa das Províncias Francesas*" foi organizada a fim de redesenhar um novo mapa do futebol francês. O pôster (produzido em 1942) foi obra de Cello, cartunista da imprensa, em particular do *L'Auto*, organizador do Tour de France. Esse pôster revelava a política do governo da Colaboração.

O pôster de revolta era a mensagem trazida por Bernard Rancillac para denunciar a realização da Copa do Mundo de 1978 na Argentina do ditador Videla. Esse pioneiro da figuração narrativa se apropriou do campo do futebol para expressar suas posições políticas. O pôster "*La Coupe du monde qui déborde*" (1978), no qual vemos um crânio ensanguentado como uma bola, era muito evocativo. Ao mesmo tempo, outras propostas estilísticas surgiam, com certo sucesso. Surgiu o toque onírico e surreal do italiano Luigi Castiglioni (1936-2003), radicado na França desde 1960. Ele produziu vários pôsteres de encontros da seleção francesa que acontecem no *Parc des Princes* e de competições de prestígio. Entre as mais famosas, está aquela que lembra

---

<sup>5</sup> : VERMAND Dominique (dir.): 100 ans de Football en France. Paris, Editions Atlas. 1997. pp.154-155.

a paixão de toda a França pelo “épico verde”, ou seja, a torcida nacional da seleção de Saint-Etienne na França de Giscard: "*Liga dos Campeões de 1976. A.S.St-Etienne-Bayern Munich. Glasgow, 12 de maio*" (1976).

Em 1984, a França sediou o Campeonato Europeu de Futebol, mais conhecido como Eurocopa. A federação decidiu deixar uma marca ao evocar o toque francês. Retomando uma ideia lançada durante a Copa do Mundo da Espanha (1982), para a qual uma série de quinze pôsteres foram produzidos por grandes artistas (Miro, Arroyo, Chillida), a Federação Francesa de Futebol, organizadora do sétimo campeonato europeu, selecionou pintores renomados para fazer oito pôsteres de diferentes jogos e cidades-sede da competição: Bahamas (Saint-Etienne), Coulon (Lyon), Dubré (Nantes), Granger (Paris), Noviant (Estrasburgo), Radko (Marselha), Rancillac (pôster geral do Euro), Savignac (final) e Servais (Lens). Os *bleus* (a seleção francesa), liderados pelo formidável Michel Platini, venceram o torneio de maneira incrível. O desenho de Raymond Savignac (1907-2002) com um toque simples, estilizado e bem-humorado, ficaria para a posteridade como o reflexo de um feliz encontro entre o futebol e a arte do pôster.

### 3. Impressão escultural

A escultura foi um dos primeiros campos a representar o futebol. A partir do final do século XIX, era significativa a produção de estatuetas dos jogadores de futebol. Henri Fugère (1872-1944) foi um dos primeiros escultores a se apaixonar pelo gesto do futebol: "*Le dribble*" (por volta de 1900). A explosão começou nas décadas de 1920 e 30, quando o futebol se tornou um verdadeiro esporte de espetáculo. O jogador de futebol em ação e as fases do jogo eram as principais inspirações. Edouard Drouot (1859-1945), membro do Salão dos Artistas Franceses e uma das revelações entre as obras de arte apresentadas na Exposição Universal de 1900, assinou "*Le Football*", obra em bronze produzida na década de 1920. Edouard Fraise (1880-1945), ex-aluno da Escola de Belas Artes de Paris e personalidade marcante da escola francesa de escultura, interessava-se pelo gesto comum a todos os jogadores de futebol: o chute. A partir daí, ele produziu "*Tir au but*" (por volta de 1930). No período entre guerras, era um dos “escultores esportivos” mais famosos. Marcel Début (1865-1933), outro membro do Salão dos Artistas Franceses, representou um jogador de futebol driblando em "*Le Footballeur*". A obra foi finalizada por volta de 1930. Como esquecer da fascinante "*Footballeur*", uma escultura em chapa, resultante da inventividade ilimitada de Pablo Picasso em 1961?

As criações de troféus são peças altamente simbólicas. São também a expressão do know-how francês na ourivesaria de luxo.

Pierre Marie Poisson (1876-1953), formado na Escola de Belas Artes de Paris, um dos decoradores do transatlântico Ile de France lançado em 1927, assinou na década de 1930 um soberbo troféu de bronze. Abel Lafleur (1875-1953) produziu em 1930 o Troféu Jules Rimet, o santo graal de todas as nações, por ser aquele que consagraria a equipe vencedora da Copa do Mundo de Futebol. Em 1956, a revista semanal francesa *France-Football* criou o Troféu que premia o melhor jogador europeu: a Bola de Ouro. Foi a Maison Mellerio (fundada em 1613), prestigiada ourivesaria parisiense, que se encarregou de criar o objeto invejado por todos os jogadores de futebol profissionais do planeta. Em 1960, a empresa Arthus-Bertrand, outra prestigiada ourivesaria de luxo (fundada em 1803), produziu o Troféu Henri Delaunay, uma recompensa à equipe vencedora do Campeonato Europeu de Futebol. A arte da escultura entrava definitivamente no mundo do futebol. A relação foi se tornando cada vez mais evidente. Todas as competições precisavam de uma produção artística para se diferenciar. Em 2002, o troféu *Trophée de la Ligue 1* (Campeonato Francês) foi desenhado por uma das mais conceituadas artistas contemporâneas, a decoradora e designer Andrée Putman.

"*Les Footballeurs*" (1993) da artista visual franco-americana Niki de Saint-Phalle (1930-2002) foi uma obra monumental e decisiva no desenvolvimento de um crescente interesse pelo futebol dentro do campo artístico francês. Os anos seguintes confirmaram o poder evocativo do futebol. O projeto "*Plus long ballon du monde*", iniciado em 2003 pelo talentoso artista de Bordeaux radicado em Marselha, Laurent Perbos, foi uma forma artística de traduzir as múltiplas facetas do futebol (econômica, cultural, experimental). E o que dizer da obra "*Coup de tête*" (2012) de Adel Abdessemed, que relembra o gesto violento de Zinedine Zidane na final da Copa do Mundo de 2006? A polêmica<sup>6</sup> causada por essa composição questiona o lugar do futebol em nossas sociedades. Prova de que o assunto ganhava destaque.

---

<sup>6</sup>: O trabalho polêmico dessa figura da arte contemporânea foi assunto de um intenso debate na revista de arte: *Beaux Arts*, N° 340. Outubro 2012, pp. 90-93.

## II. Futebol: um assunto patrimonial

### 1. Christian Bromberger: o precursor

Foi à custa de excelentes investigações científicas, iniciadas em meados da década de 1980 por investigadores das ciências sociais e humanas<sup>7</sup>, que o futebol se tornou um tema legítimo e reconhecido no panorama museológico. Os historiadores<sup>8</sup> foram os primeiros a investir no campo das mutações e singularidades nacionais do futebol. Os sociólogos aprofundaram o trabalho, fornecendo dados qualitativos e quantitativos sólidos<sup>9</sup>. Mas o elemento patrimonial introduzido pelo etnólogo Christian Bromberger foi decisivo. Seus trabalhos traçaram um caminho para muitos curadores de museus compreendessem a realidade futebolística.

Em pouco mais de um século (a codificação de suas regras remonta a 1863), o futebol tornou-se uma "paixão planetária", uma espécie de referência universal, um dos poucos, senão o único, elemento da cultura masculina mundial, compreendida por todos, transgredindo a diversidade de regiões, nações, gerações (BROMBERGER, 1995, p. 1).

Trata-se um trabalho fundamental que mudou literalmente a forma como as pessoas pensavam sobre o futebol e seu peso na sociedade, principalmente entre os torcedores. Vieram outras publicações que reforçaram a relevância do futebol para quem quer entender o mundo contemporâneo. Impulsionado pela renovação epistemológica da Etnologia Francesa (surgimento da etnologia do presente, novos campos de investigação como bricolagem, esoterismo, animais de estimação, touradas...) <sup>10</sup>, Christian Bromberger explorou o futebol em toda a sua complexidade antropológica. Em 2006, no primeiro artigo acadêmico que tratava do patrimônio esportivo e museus do esporte, ele apresentou os marcos para a exploração do tema patrimonial:

Novas sensibilidades, o desejo de conhecer por dentro outros lugares e outras sociedades e uma diversificação dos turistas deram origem a

<sup>7</sup> : Sobre essa questão do reconhecimento universitário e social do campo esportivo, ver BOLI Claude: *Etat de la recherche sur le sport dans les sciences humaines et sociales en France, rapport commandé par le ministère de la Ville, de la Jeunesse et des Sports et le secrétariat d'Etat chargé de l'Enseignement supérieur et de la Recherche*, 2018.

<sup>8</sup>: Os pioneiros nessa área são os trabalhos de Alfred Wahl e Pierre Lanfranchi. WAHL Alfred : *Les archives du football. Sport et société en France 1880-1980*, Paris, Gallimard, 1990; WAHL Alfred et LANFRANCHI Pierre : *Les footballeurs professionnels, des années trente à nos jours*. Paris, Hachette, 1995.

<sup>9</sup> Ver: *Actes de la recherche en sciences sociales. Les enjeux du football. N°103, juin 1994* ; FAURE Jean-Michel et SUAUD Charles : *Le football professionnel à la française*. Paris.PUF, 1999 ; MIGNON Patrick : *La passion du football*. Paris. Odile Jacob. 1998.

<sup>10</sup>: Ver BROMBERGER Christian (dir) : *Passions ordinaires. Football, jardinage, généalogie, concours de dictée...* Paris. Hachette, 1998 et *Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde*, Paris, Bayard, 1998.

novas formas de descoberta: o património rural, com suas fontes, a sua arquitetura, as suas produções e as suas tradições locais; o património industrial com seus edifícios por vezes melancólicos, as máquinas, as barragens, as inovações espetaculares... Que os lugares icônicos do esporte, tanto em escala internacional como nas pequenas cidades, que as memórias das estrelas (do esporte), suas façanhas e seus equipamentos tenham passado a despertar interesse e a fazerem parte do património, é um desenvolvimento normal, se considerarmos o lugar que as atividades desportivas ocupam no mundo contemporâneo e o papel que desempenham na história contemporânea, na memória e na imagem das cidades e países (BROMBERGER, 1995, p. 1)<sup>11</sup>

Dez anos depois, Christian Bromberger participou do lançamento do projeto de estudo Território e Patrimônio Esportivo (TEPAS) apoiado pela região de Provence-Alpes-Côte d'Azur e que reuniu várias instituições, incluindo: as universidades de Aix Marseille, Nice Sophia Antipolis, a Maison méditerranéenne, o Museu Nacional do Esporte<sup>12</sup>.

## 2. Nova geração, novos caminhos

Ao lado de Christian Bromberger, destacava-se uma nova geração de pesquisadores. Os historiadores estavam envolvidos na produção de artigos e numerosas exposições dedicadas ao futebol. Foi esse espírito que mobilizou Yvan Gastaut e Stéphane Mourlane em uma publicação histórica:

O futebol é um fenômeno cultural cujos ecos vão muito além dos estádios e não se limitam aos círculos populares. A partir do princípio do confronto, objeto da cultura, que também traz à tona a questão das massas, o futebol ocupa um lugar de destaque na estruturação e nas representações do espaço social. As questões levantadas por este esporte, portanto, despertam a curiosidade do historiador. Há muito relegado a segundo plano, o futebol se tornou um objeto da história por direito próprio. Este trabalho, que reúne alguns dos melhores especialistas europeus da história do futebol, pretende fomentar a reflexão e abrir caminhos de investigação fecundos para a compreensão das sociedades europeias contemporâneas (GASTAUT; MOURLANE, 1998, p.266)

Essa "nova onda" tinha em comum temas que diziam respeito a áreas fora da França (Itália, Inglaterra, Alemanha, Córsega, Guadalupe) e temas até então pouco explorados (imprensa, área da mineração, imigração, futebol feminino, imagem

<sup>11</sup> : Ver Les cahiers Espaces: Patrimoine sportif et tourisme, Paris, Revue Espace et Musée National du Sport, N°88, mai 2006, p.12.

<sup>12</sup> : Ver La focale régionale. Territoires et Patrimoines du sport en Provence-Alpes-Côte d'Azur, n°5 juillet 2017.

televisiva, Paris). A Itália era o território de investigação de vários pesquisadores. Paul Dietschy explorou o futebol em Torino. Fabien Archambaud estudou as ligações entre o futebol e a Igreja Católica. Stéphane Mourlane falou sobre as rivalidades franco-italianas.

O francês Yvan Gastaut focou a migração e seu impacto na representação de jogadores de futebol cujos pais são estrangeiros. A Argélia foi objeto de especial atenção. Naïma Yahi se interessou pela trajetória dos jogadores de futebol argelinos, Stanislas Frenkiel investigou a história da seleção FLN (Frente de Libertação Nacional) e Youcef Fatès interessou-se pela história e desenvolvimento do futebol na ex-colônia francesa. O paternalismo dos dirigentes foi estudado. Marion Fontaine esforçou-se para revelar as ligações entre o Racing Club de Lens e os “notáveis” locais. Antoine Mourat refletiu sobre a influência dos diretores da empresa Peugeot na organização do clube FC Sochaux. As produções de imagens foram cuidadosamente monitoradas. Jean-François Diana analisou, por meio do papel da televisão, as mudanças nas representações em torno do futebol. Pascal Blanchard abriu caminho no que se refere ao impacto de diferentes ondas de migração no discurso sobre as identidades francesas. Xavier Breuil introduziu o gênero como uma das preocupações, num contexto em que o foco era o desenvolvimento do futebol feminino e as representações que cercavam a entrada das jogadoras de futebol em um espaço onde as inclinações masculinas se impõe.

Didier Rey e Harry Mephon deixaram a França para investigar o futebol da Córsega e de Guadalupe, respectivamente. Em uma obra monográfica bastante documentada, Julien Sorez destacou o peso essencial dos cidadãos britânicos no advento e desenvolvimento do futebol na região de Paris. Comunidades foram abordadas: Natacha Lillo sobre os espanhóis, Victor Pereira sobre os portugueses e Pierre Weiss sobre a imigração turca na região de Estrasburgo.

Alinhados com os trabalhos de Christian Bromberger, Jean-Michel Faure e Charles Suaud, outros etnólogos e sociólogos dedicaram-se a investigar as torcidas e a condição do jogador de futebol profissional. Ludovic Lestrelin estudou a especificidade dos torcedores de Marselha que vivem longe de Marselha. Julien Bertrand e Frédéric Ramera mergulharam na profissão do futebol (carreira, círculo familiar, seleção, origem social).

### 3. Os fundos do futebol do Museu Nacional do Esporte

Desde 1963, o Museu Nacional do Esporte é uma vitrine do interesse pelo fenômeno esportivo por parte dos sucessivos Ministérios do Esporte e da Cultura. Desde a sua criação, a direção foi assegurada a Jean Durry, um ex-ciclista e estudioso da área esportiva. Apoiado pela Secretaria da Juventude e do Esporte e auxiliado pelo profundo conhecimento do meio esportivo, Durry constituiu, em mais de três décadas, um impressionante e rico acervo de objetos capazes de dar conta das mudanças no esporte no mundo desde o início do século XIX. Com mais de 45.000 objetos (acessórios esportivos, troféus, artes gráficas) e mais de 400.000 coleções documentais (arquivos, livros, filmes), o museu é único no mundo.

O acervo sobre futebol é um dos mais importantes. Constitui quase 5.050 itens. No meio desse acervo, nosso interesse recaiu sobre dois objetos significativos do jogo, dois elementos constitutivos do ritual esportivo: o ingresso e o programa.

O ingresso do jogo é um produto do espetáculo esportivo. Este objeto é uma fonte inesgotável de informação. Aos dados unicamente vinculados à partida (data e hora da partida, local, tipo de competição, classificação e local, preço) dos ingressos das décadas de 1930 e 1950, acrescentam-se hoje em dia outros elementos singulares: indicação de parceiros econômicos, patrocinadores, emissoras, mapa do estádio etc.). O ingresso se refere ao momento historicamente datado de um encontro repleto de memórias de baixa ou alta intensidade emocional. O ingresso para a final da Copa do Mundo de 1998 é bastante especial para qualquer testemunha francesa da vitória dos "bleus". É também um marcador social porque situa o seu dono dentro da instalação com base no preço que pagou. "Diga-me onde você está sentado, e eu direi quem é" faz muito sentido no caso da localização de um assento. O ingresso pode, de determinadas formas, servir de evidência para posicionar um espectador socialmente.

Por fim, o ingresso é também uma ferramenta para observar o peso cada vez mais presente, desde a década de 1990, do arsenal jurídico de repressão no mundo esportivo, em particular nos estádios. A luta contra os movimentos de violência, comumente chamados de hooliganismo, requer ações judiciais. O ingresso registra as ações realizadas. A repressão aos comportamentos incivis (uso de foguetes, fumaça e outros produtos pirotécnicos em estádios) reflete-se nos termos da lei Alliot-Marie (Ministra da Justiça na época) que aparecem no verso de cada ingresso, desde 1993. Diante do aumento de atitudes xenofóbicas e racistas, a proibição de placas e faixas de natureza política, ideológica ou religiosa também está inscrita nos ingressos desde o

início dos anos 2000. Além do aspecto esportivo, o ingresso nos informa os direitos e obrigações de cada espectador.

O programa de jogos também é uma parte essencial do dia do jogo. Seu número de páginas cresceu desde as primeiras publicações da década de 1930 e, por dentro, é como os dirigentes querem ser vistos e representados. Constitui o meio de comunicação direto entre os dirigentes e os torcedores. A filosofia do clube é amplamente divulgada nele. Se a forma ou estrutura das páginas mudou significativamente, os princípios das mensagens mudaram pouco. Muitas vezes, as palavras do presidente ou do treinador abrem o programa, que acaba por ser a voz oficial do clube.

### **III. Expondo o futebol: a experiência de um historiador**

#### **1. A história dos jogadores de futebol africanos**

Por mais de uma década, coloquei minha experiência como historiador e como sociólogo principalmente a serviço do Museu Nacional do Esporte e outras instituições museais. Como curador, organizei diversas exposições. Entre as mais importantes, em termos de alcance midiático e cultural, a mostra sobre a história dos jogadores de futebol africanos na França é sintomática da forma como o futebol se cruza com os debates sociais.

Em 2010, a África do Sul se tornou o primeiro país africano a sediar a Copa do Mundo: a competição esportiva mais assistida e comentada do planeta. O ano foi também a ocasião de comemorações do cinquentenário da independência de várias nações. O futebol, a África e os números da imigração africana na França foram projetados dentro de um turbilhão de eventos culturais imperdíveis. A Cidade Nacional da História da Imigração (CNHI) entrou em contato com a equipe de gestão do Museu Nacional do Esporte para uma colaboração. Foi concluído o projeto de uma exposição conjunta sobre a influência da imigração nas composições de vários times franceses de futebol. Para não sermos "engolidos" pelo poder midiático em uma exposição externa (a CNHI está localizada na *Porte Dorée*), decidimos, portanto, por um evento com uma exposição interna. O então diretor do museu, Zeev Gourarier, sugeriu que se pensasse em uma exposição que dissesse respeito à África, mas que também tivesse um lugar para que se falasse sobre o futebol na França. Tive a ideia de uma exposição sobre a

contribuição dos franceses no desenvolvimento do futebol na África e, por outro lado, o peso no sucesso da seleção francesa dos jogadores de futebol cujos pais são africanos.

O desafio era enorme, pois foi a primeira exposição desse tipo na Europa. Desde o lançamento do futebol profissional na década de 1930, o campeonato francês vem se destacando pela presença de jogadores de futebol do continente africano. De Larbi Ben Barek a Didier Drogba, jogadores de futebol do Magrebe e da África negra marcaram o futebol francês e consolidaram os laços históricos entre a França e suas ex-colônias (Argélia, Senegal, Costa do Marfim, Mali etc.). Da década de 1950 até os dias atuais, a França é e continua sendo o primeiro país escolhido por um grande número de jogadores africanos para seguir uma carreira profissional no futebol europeu. O desejo pela França é constante, apesar dos muitos fracassos de jogadores que sonham em transformar seu destino social para saborear o sucesso excepcional dos “imigrantes do futebol”. Para alguns, o campeonato francês constitui um trampolim para alcançar um nível de fama mundial. A influência africana também se observa na composição das seleções francesas, onde as façanhas de Diagne, Tigana, Zidane ou Vieira constituem verdadeiros laços entre o país de origem e o país de destino. A mostra foi uma homenagem à África, em particular aos seus jogadores de futebol, e permitiu ao visitante questionar a relação, do passado e do presente, da França com a África francófona. Tinha o objetivo de descobrir como, sob a influência francesa, o futebol se tornou uma paixão na África e como os jogadores de futebol africanos, por sua vez, transformaram o futebol francês. O percurso foi dividido em seis partes.

A primeira parte foi intitulada “*Football en France: l’influence française*” (Futebol na França: a influência francesa, em português). Tratava da África colonial e de cidadãos franceses em particular, comerciantes, professores e eclesiásticos que permitiram o desenvolvimento da prática.

A jornada do migrante diz respeito às condições de chegada e ao cotidiano dos jogadores de futebol vindos de outros lugares. Histórias de alegrias e fracassos amargos.

As percepções e representações dizem respeito à forma como são percebidos, principalmente na imprensa. A mídia escrita é um excelente local para observar a dinâmica de opiniões, imagens do passado e recentes (estereótipos, discursos racistas) reservadas aos jogadores de futebol do continente africano, especialmente os das ex-colônias.

As lendas de ontem e de hoje expuseram as grandes figuras do passado (Blaise Diagne, Rachid Mekhloufi, Salif Keita) e do presente (Georges Weah, Roger Milla, Didier Drogba).

*Vision d'Afrique* revelou como as “seleções africanas” se tornaram, desde os anos 2000, seleções compostas por muitos jogadores nascidos e treinados na França.

“*Football en France: l'influence africaine*” (Futebol na França: a influência africana, em português) fechou a mostra. Serviu para apontar a contribuição dos jogadores de origem africana nas diversas seleções da França desde a década de 1930<sup>13</sup>. Para essa exposição, quis que os visitantes dispusessem de elementos (mapa, objetos de missionários) para compreender as ligações históricas entre a França e suas ex-colônias. Por outro lado, quis levar os visitantes se concentrarem mais em objetos íntimos (sala de estar) fora da esfera esportiva do que em peças esportivas (uniformes). A ambição era imaginar os objetos constituintes do universo de um “migrante esportivo”.

Type d'objet	Date	Personne/domaine associé à l'objet	Don/Prêt/Achat	Date d'entrée en collection	Événement associé
Carte de l'Afrique noire	Années 1950	Enseignement pédagogique	Prêt Collection particulière		Etablissement scolaire français
Ballon de football	Années 1880	Match de football	Achat. Coll. Musée National du Sport	1992	
Fanion de match	1954	Match de football sélection Brazzaville-Equipe de France amateur	Prêt. Fédération Française de Football		Match amical organisé par la ligue de football Afrique Equatoriale Française
Affiche cinématographique	1993	Football en Afrique	Don. Coll. Musée National du Sport	1993	Film « le Ballon d'or »
France-Football	1947	Ben Barek « noir de noir »	Don. Coll. Musée National du Sport	1990	Presse écrite
Chaussures «Didier Drogba »	2010	Didier Drogba	Prêt Collection particulière		Aucun
Echarpe de supporters	2010	Equipe nationale d'Algérie	Prêt de joueur		Supporters algériens
Casque colonial	1930-1940	Administrateur colonial	Prêt. Musée Quai Branly		Colonisation
Tunique militaire	1922-1927	Lieutenant Pierre Guiffroy	Prêt. Musée de l'Armée		15ème régiment de

<sup>13</sup> : BOLI Claude : Les footballeurs africains sont là ! .Catalogue d'exposition, Paris, Musée National du Sport, 2010

					tirailleurs algériens
Veste de survêtement	2003	Marc Vivien Foé	Prêt Collection particulière		Match d'hommage
Boubou sénégalais	1993	Basile Boli	Prêt de joueur		Match OM – AC Milan, 1993
Maillot du SCO d'Angers	1994	Moustapha El Haddaoui	Prêt de joueur		Championnat de France
Maillot du Paris Saint-Germain	1992	George Weah	Don. Coll. Musée National du Sport	2010	Championnat de France
Pagne comemoratif « Bonne chance »	1994	Equipes du Cameroun et du Nigéria	Prêt. Anne Grosfilley		Coupe du Monde 1994
Chapeau mossi	1998	Burkina Faso	Prêt de joueur.		

TABELA 01 – 15 objetos da exposição: les Footballeurs africains sont là !. Fonte: Museu Nacional do Esporte, 2010.

## 2. Futebol e Imigração

De 26 de maio a 17 de outubro de 2010, a Cidade Nacional de História da Imigração sediou a exposição “*Football et immigration. Allez la France!. Histoires croisées.*” (Futebol e imigração. Vamos, França! Histórias cruzadas, em português). Fui co-curador da exposição, em colaboração com Yvan Gastaut (historiador, especialista em imigração) e Fabrice Grognet (etnólogo, gerente de projetos da CNHI). Nosso objetivo foi o de convidar os visitantes a descobrir a história da imigração na França através do prisma do futebol. De que forma a seleção francesa reflete as diferentes ondas de migração? Quatro das figuras da seleção nacional, Raymond Kopa (imigração polonesa), Michel Platini (Itália), Zinedine Zidane (Argélia) e Basile Boli (Costa do Marfim), serviram de guia para diferentes trajetórias emblemáticas. Como no caso da mostra sobre jogadores de futebol africanos na França, no Museu Nacional do Esporte, essa ação foi inédita. Nenhuma antiga grande nação colonial europeia (Inglaterra, Portugal, Bélgica) havia realizado um projeto com tamanha ambição.

A vocação primária deste futuro centro de pesquisas será mudar as visões e atitudes sobre os fenômenos migratórios, tanto do ponto de vista dos que chegam e de seus descendentes próximos, quanto da sociedade de acolhimento. A definição deste projeto coloca em jogo “uma certa ideia” da França e da República. Trata-se de um importante sinal que será enviado às gerações de franceses de origem imigrante,

---

especialmente as mais recentes, que por vezes se encontram em situação de falta de identidade (TOUBON, 2004. p. 7)<sup>14</sup>

A exposição, portanto, tinha um caráter político e cívico. A aposta ia além do círculo dos entusiastas do futebol. Desde o início da década de 1980 (ascensão da extrema direita, criação de uma associação de luta contra o racismo), a questão da migração vinha ocupando um lugar importante no debate público e na mídia. Pretendemos com essa exposição aproveitar a oportunidade para evocar o fato migratório em um terreno que mais une do que divide ao abordar pontos que desmistificam o mundo do futebol (racismo, xenofobia, representação colonial). A base da exposição foi construída em torno de seis vias de reflexão.

A primeira, os contornos de uma prática importada. Tinha a intenção de apontar uma das maneiras pelas quais a prática se desenvolveu na França no final do século XIX, graças a estudantes ou professores de inglês que trouxeram de volta regulamentos e bolas de suas viagens linguísticas para além do Canal da Mancha e que, sob o ímpeto dos britânicos, criaram os primeiros clubes. É importante lembrar que, como elemento da transferência de um conjunto de códigos culturais transmitidos pela influência britânica, o futebol é, nesse sentido, “um grande migrante” que se estabelece gradualmente no continente europeu e em todo o mundo.

A segunda dizia respeito às identidades em jogo. Era preciso mostrar que o futebol não era apenas um confronto lúdico no gramado em torno de uma bola. A prática e o espetáculo que ele oferece provocam uma mobilização de sentimentos de pertencimento. Sejam locais ou nacionais, sociais ou culturais, questionou-se as identidades dos jogadores, especialmente por serem estrangeiros, de origem estrangeira.

Questionou-se a condição do jogador migrante ou imigrante. A carreira de um jogador de futebol profissional costuma ser acompanhada de muitos deslocamentos individuais vinculados a migrações laborais internacionais. Sujeita às leis de oferta e demanda, a movimentação dos jogadores às vezes é prejudicada por práticas ilegais, chegando à clandestinidade. Observadas desde a década de 1930, essas mobilidades esportivas permitem medir a importância da dimensão cosmopolita do futebol, que coloca jogadores de todo o mundo lado a lado ou frente a frente.

---

<sup>14</sup> : TOUBON Jacques : Rapport au Premier ministre. Mission de préfiguration du Centre de ressources et de mémoire de l'immigration. Paris. La documentation Française (collection des rapports officiels). 2004. p.7.

Em quarto lugar, marca colonial. Assim como em toda a sociedade, o futebol francês foi marcado pelo processo de colonização e descolonização. Amplamente implantado nas colônias, o futebol desempenhou um papel de regulação social até a independência desses países, oferecendo um leque de possíveis relações intercomunitárias. Desde o início do campeonato profissional, vários jogadores das colônias conheceram, graças à qualidade do seu jogo, uma forte notoriedade na França metropolitana, como Larbi Ben Barek, do Marrocos, e Eugène N'Jo Léa, dos Camarões. Instrumentalizado durante as guerras de independência, como atesta a famosa seleção argelina da "FLN", o futebol cristaliza questões pós-coloniais.

As composições da seleção francesa são o espelho da mutação da população francesa. As diferentes gerações da seleção francesa que se destacaram nas fases finais das Copas do Mundo foram marcadas por figuras emblemáticas da imigração. Gusti Jordan, austríaco naturalizado em 1938, Raymond Kopa, filho de poloneses, Michel Platini, filho de italianos, e Zinedine Zidane, filho de argelinos, personificavam cada um a figura do "herói nacional". Craques e líderes, eles carregaram a bandeira tricolor bem alto. O futebol francês, em sintonia com a sociedade, mostra assim a sua abertura.

Por fim, abordamos as facetas "fora do estádio": o terceiro tempo no *Café des sports*. O futebol existe além dos campos, na mídia, no cinema, na literatura, na pintura, etc. Esporte popular, atrai um público de imigrantes ou de origem estrangeira que, por vezes, expressa o seu duplo pertencimento. No *Café des sports*, o terceiro tempo é muitas vezes uma oportunidade de solidariedade cultural que se materializa através de comentários pós-jogo. Porém, às vezes, o racismo se manifesta em suas formas mais comuns: preconceito, insultos, violência. O mundo dos torcedores nunca está a salvo do comportamento violento, que provavelmente traz consigo o comportamento mais xenofóbico da sociedade francesa.

Com a ajuda inestimável de muitas instituições francesas e estrangeiras (Centre Pompidou, Museu Nacional do Futebol em Manchester), a exposição quis mostrar a variedade de mídias que abordam o futebol, ao mesmo tempo em que dá um lugar especial à carreira do jogador, incluindo a interseção da história com a questão da migração. As artes gráficas (quadros de artistas de prestígio), elemento de socialização (totó/pebolim) e objetos pessoais (carteiras de identidade, uniformes) deram o ritmo do percurso expositivo.

Type d'objet	Date	Personne/domaine associé à l'objet	Don/Prêt/Achat	Événement associé
Chaussures	Années 1890	Match de football	Prêt National Football Museum (Angleterre)	Championnat d'Angleterre
Cap de joueur	1885	Joueur de Newcastle United FC	Prêt National Football Museum (Angleterre)	Championnat d'Angleterre
Fanion officiel de match	2006	Match France-Italie	Prêt. Fédération Française de Football	Finale de Coupe du monde 2006, France-Italie
Affiche officielle	1930	Tournoi de football	Prêt. Coll. Musée National du Sport	1 <sup>ère</sup> Coupe du monde de football, Uruguay
Licence de joueur et passeport	1955	Raymond Kopa	Prêt. Coll. Musée National du Sport	Championnat de France
Marionnettes	2000	Zinedine Zidane et Marcel Desailly	Prêt Collection Canal +	Emission les guignols de l'info
Baby-foot	2010	Football	Prêt de l'entreprise Bonzini	Aucun
Ballon	1998	Coupe du monde de football	Prêt. Coll. Musée National du Sport	Finale de la Coupe du monde de football, France-Brésil, 1998
Tenue de joueur	1986	Michel Platini	Prêt. Coll. Musée National du Sport	Coupe du monde de football 1986
Tenue de joueur	1985	Luis Fernandez (PSG)	Prêt. Coll. Musée National du Sport	Championnat de France
Peinture « Football »	1916	Robert Delaunay	Prêt. Collection Centre Pompidou	Mouvement artistique orphiste
Peinture « Lille-Lens »	Années 1950	Pierre Even	Prêt. Coll. Musée National du Sport	Championnat de France
Trophée	1997	Ballon d'or France-Football	Prêt. Coll. Musée National du Sport	Election du meilleur joueur d'Europe
Affiche campagne contre le racisme	1998	SOS Racisme « Ce soir tous les Français ont rêvé d'embrasser un beur ».	Prêt. Coll. Musée National du Sport	Coupe du Monde 1998
Pichet commémoratif	1896	Equipe de Sheffield Wednesday	Prêt National Football Museum (Angleterre).	Finale Coupe d'Angleterre 1896

TABELA 02 – 15 objetos da exposição: Allez la France ! Football et immigration. Fonte: Cité nationale de l'histoire de l'immigration, 2010.

### 3. A Eurocopa, outra ideia da Europa

No verão de 2016, a França recebeu o Campeonato Europeu de Futebol (hoje comumente chamado de Eurocopa). Foi a terceira vez, juntamente com as edições de 1960 e 1984, que o país organizou esta competição, cujo fundador é o francês Henri Delaunay. O evento era aguardado com ansiedade pelo grande público após o péssimo desempenho dos *bleus* em anos anteriores. O governo socialista também esperava muito desse evento para mostrar uma política de organização de um grande evento internacional e uma vontade de pertencer às grandes nações do esporte. Eu fui o curador da exposição com o apoio de uma comissão científica composta por personalidades com perfis únicos: Christian Wacker (ex-diretor do Museu dos Esportes e do Jogos Olímpicos de Colônia), Clément d'Antibes (famoso torcedor da seleção francesa), Jean-François Diana (historiador, especialista em imagens esportivas), Paul Dietschy (historiador, especialista em futebol mundial), Mathieu Faure (jornalista esportivo), Benoît Heimermann (ex-repórter da revista *L'Equipe*), Myriame Morel (curadora-chefe do patrimônio do Museu das Civilizações Europeias e Mediterrâneas, MUCEM), Bernard Morlino (escritor, especialista em futebol), Didier Roustan (Jornalista da Seleção de TV), Xavier Thébault (responsável pelo acervo da Federação Francesa de Futebol).

A principal intenção da mostra é descobrir como a “Europa do futebol” oferece uma visão diferente da Europa.

Ao final da Segunda Guerra Mundial, a Europa estava severamente abalada, de todas as formas. Os inúmeros danos materiais e perdas humanas constituíam as cicatrizes de um momento de pavor. Personalidades do mundo político, universitário, econômico ou esportivo atuaram na promoção de ações de reconciliação e de fraternidade duradoura. O esporte desempenhou um papel fundamental na redefinição de uma Europa de paz e as competições de futebol assumiram um lugar preponderante: em 1949, o FC Barcelona conquistou a primeira edição da Taça Latina, que reuniu os vencedores dos campeonatos da Espanha, da Itália, de Portugal e da França. Em 1960, cinco anos depois da Liga dos Campeões, surgiu a competição que simboliza a Europa do futebol: o Campeonato Europeu de Futebol. Desde então, a Eurocopa tem sido um evento chave no calendário futebolístico internacional, apesar das tensões diplomáticas entre algumas nações. Por exemplo, desde a primeira edição, o General Franco proibiu

a seleção (da Espanha) de enfrentar a equipe da URSS e, quatro anos depois, as equipes da Grécia e da Albânia se recusaram a competir (BOLI, 2016, p. 14.)<sup>15</sup>

No entanto, a competição continua e redesenha uma visão original da Europa, mais aberta e mais ampla do que a União Europeia, marcada em particular pela presença de países como a Turquia, Israel, Ilhas Faroé, Bielorrússia, Andorra, Gibraltar etc. Com 17 participantes em 1960, a Eurocopa passou a contar hoje com 54 participantes. A “Europa do futebol” se estende de Norte a Sul, da Finlândia a Israel, e de Oeste a Leste, de Portugal ao Cazaquistão. As exposições revelariam o lugar e a força cultural do futebol na Europa. Presentes nessa celebração da Europa fraterna em versão futebolística estão mapas geográficos, artistas de renome internacional (Pablo Picasso, Nicolas de Staël), peças de dirigentes emblemáticos e peças de grandes figuras do futebol (luvas, uniformes, calçados).

Type d'objet	Date	Personne/domaine associé à l'objet	Don/Prêt/Achat	Date d'entrée en collection	Événement associé
Tableau « Les footballeurs »	1952	Nicolas de Staël	Prêt Musée des Beaux-arts de Dijon		Match amical France-Suède Parc des Princes, 1952
Tableau « Les footballeurs »	1993	Niki de Saint-Phalle	Prêt Musée Olympique, Lausanne		Scène de jeu
Dessin « Footballeurs »	1961	Pablo Picasso	Prêt. Musée national Picasso-Paris		Scène de jeu
Affiche Finale Euro 84	1984	Raymond Savignac	Don. Coll. Musée National du Sport	1984	Euro 1984
Ballon Finale Euro 88	1988	Finale de l'Euro	Don. Coll. Musée National du Sport	1988	Euro 1988
Maillot	2015	Lorik Cana	Don. Coll. Musée National du Sport	2016	Match amical Albanie-Géorgie
Trophée	1960	Henri Delaunay	Prêt Fédération Française de Football		Championnat d'Europe des nations, 1960

<sup>15</sup> : BOLI Claude : Gool ! .Rendez-vous européen, Silvana Editoriale, 2016,p.14)

Feuille de match	de 1988	Finale de l'Euro	Don. Coll. Musée National du Sport	1988	Finale Euro 88
Tenue de joueur	de 1984	Michel Platini	Don. Coll. Musée National du Sport	1985	Euro 1984
Tenue de joueur	de 2000	Zinedine Zidane	Achat. Coll. Musée National du Sport	2004	Euro 2004
Chapeau-parapluie supporter	de Années 2000	Yannick Van Hee (Les corsaires)	Prêt. Collection particulière		Match équipe de France
Sifflet d'arbitre	1996	Marc Batta	Don. Coll. Musée National du Sport	1996	Euro 96
Billet de match	1996	Finale de l'Euro	Don. Coll. Musée National du Sport	1996	Finale Euro 96
Dessin «Penalty quand même »	1988	Roger Blachon	Don. Coll. Musée National du Sport	1988	L'Euro 88
53 Fanions	2016	Equipes participantes aux phases qualificatives Euro 2016	Prêt UEFA		Euro 2016

TABELA 15 – objetos da exposição: Goal ! Rendez-vous européen. Fonte: Musée National du Sport, 2016.

#### IV. Futebol: a nova tendência em museus sociais e espaços culturais

##### 1. O Louvre pintado de sangue e ouro

A década de 2010 foi marcada pelo fenomenal interesse dos museus pelo futebol e suas múltiplas questões sociais. O futebol literalmente se instalou nas instituições culturais; estas, em busca da singularidade e da conquista de novos visitantes, encontraram no futebol a poderosa fonte de uma cultura que se reinventa, ganhando contornos que as transformam em um espaço de “museu cidadão” (CHEVALIER, 2013)<sup>16</sup>. O Louvre-Lens, inaugurado em 2012, faz parte da gama de grandes museus que se abriram para a paixão pela bola. O museu está localizado no coração do santuário do time de futebol local, cujas cores são vermelho (sangue) e ouro. De fato, na ala leste do cenário construído pela dupla de arquitetos japoneses Sejima e Nishizawa, avista-se um dos “monumentos” da cidade, o estádio Bollaert, residência do

<sup>16</sup> : CHEVALIER Denis (dir.) : Métamorphoses des musées de société. Paris. La documentation Française (collection Musées-Monde). 2013. p.17.

Racing Club de Lens<sup>17</sup>. Como evitar esse encontro entre um lugar da “alta” cultura e um lugar da cultura popular?

A organização da Eurocopa na França e, principalmente, a escolha do estádio de Lens como sede da competição certamente favoreceram esta união improvável. Sob a liderança de seu curador Luc Piralla-Heng Vong, surge a ideia de uma fusão entre as duas instituições carro-chefe da cidade, produzindo uma exposição marcante sobre a força simbólica de um clube em seu entorno. O projeto foi formalizado da seguinte forma:

A origem do projeto “RC Louvre” reside na vontade do museu de programar um evento que reúna os dois monumentos de Lens e seus respectivos públicos, o Estádio Bollaert-Delelis e o Museu Louvre-Lens. A organização da UEFA Euro 2016, na França, e particularmente a renovação do gabinete (em torno) Lensoise ofereceram a oportunidade perfeita. Porém, esse desejo de cruzar esses dois mundos não poderia ser traduzido simplesmente por uma exposição artística ou histórica sobre o futebol; esses temas eventualmente seriam abordado nos diversos museus das cidades-sede da competição, com os quais não pretendíamos concorrer. Que projeto poderia realmente reunir os torcedores de futebol e o museu, fazendo sentido para ambas as partes? Sumariamente, foi nestes termos que se articulou o projeto de coleta organizado em parceria com outros museus, em particular com Museu Nacional do Desporto, cujo papel foi obviamente central. Com efeito, para além do seu interesse científico, o processo de coleta revelava ao público não só um método de enriquecimento das coleções nacionais, mas também e sobretudo a sua extensão; o torcedor do futebol tem um lugar no museu como “sujeito” de estudo e como património. Essa é, aliás, uma das grandes lições desse processo de arrecadação de fundos: o caráter profundamente hereditário do amor dos torcedores por seu clube, principalmente no caso do RC Lens” (PIRALLA-HENG VONG; DUFOULON, 2016, P.11)<sup>18</sup>.

Um conjunto de objetos com múltiplas finalidades pontuam o percurso de exposição: programa da partida, balão publicitário, fichário de notas do técnico Daniel Leclerc (figura lendária do clube), licenças dos jogadores, móvel para televisão decorado com os jogadores do RC Lens, entrevistas filmadas com torcedoras, uniformes de jogadores, estatuetas ciclísticas nas cores “sangue e ouro” produzidas por um artista-torcedor etc. Na saída da exposição, e ouvindo entrevistas da “comunidade Sangue e Ouro”, surge um fato óbvio: o Racing Club de Lens é mais que um clube.

<sup>17</sup> : O impacto simbólico da instalação do Louvre-Lens no coração do ambiente local é muito bem descrito nessas duas revistas de arte. *L'œil*. N.º652. Décembre 2012. pp.44-49 ; *Beaux Arts magazine*. N.º342. pp.104-107.

<sup>18</sup> : PIRALLA-HENG VONG Luc et DUFOULON Fabien (dir.) : RC Louvre. Mémoire Sang & Or. Lens. Musée Louvre-Lens. 2016.p.11.

## 2. Marselha, capital cultural

Herdeiro do Museu de Arte e Tradições Populares de Paris (fundado em 1937), o MUCEM (Museu das Civilizações da Europa e do Mediterrâneo), localizado em Marselha, é um dos modelos de museu do século XXI. Apoiado num projeto que pretende ser inovador, único e transversal, o MUCEM destaca-se por um ambicioso programa cultural. Desde 2013, ano da sua inauguração e também ano em que a cidade foi eleita Capital Europeia da Cultura, Marselha esforça-se para continuar sendo reconhecida como um lugar de todas as culturas. Como em muitas cidades mediterrâneas, como Nápoles, Barcelona ou Argel, o fervor do futebol é uma das características marcantes da cidade de Marselha. Em 2015, o projeto de uma mostra sobre futebol chegou aos escritórios dos responsáveis por exposições. Florent Molle (curador, responsável pelo departamento do esporte) teve a árdua tarefa de achar o ângulo certo. No início da aventura, a curadoria era formada pelo eminente etnólogo Christian Bromberger e pelo diretor de assuntos corporativos Gilles Perez. Formou-se assim um núcleo de entusiastas. Fiz parte do comitê científico, ao lado de renomados acadêmicos e jogadores de futebol: Christian Bromberger, Eric Cantona, Ivan Colovic, Paul Dietschy, Benoit Heimermann, Monia Lachheb, Pierre Lanfranchi, Sébastien Louis, Rachid Mekhloufi, Stéphane Murlane, Predag Pasic, Raffaëlle Poli, Albrecht Sontag. Expor o futebol em toda a sua complexidade e mostrar quem melhor o representa é uma ambição comum. O alento da paixão pela bola precisava ser ouvido. O eco que ressoa do jogo não podia ser omitido. Devíamos jogar o jogo convocando a memória coletiva. O MUCEM tinha que elevar o futebol a um status de arte, de uma cultura específica. Os jogadores precisavam estar presentes. Compartilhamos pontos de vista que foram além de nossos limites intelectuais. Debates o título da exposição (Football Social Club, Goal, Passion Foot, Le Monde est foot etc.). Finalmente, as portas da exposição intitulada *Nous sommes Foot* foram abertas ao público no dia 11 de outubro de 2017. Eis o que era dito no jornal gratuito que acompanha a visita:

O futebol não tem nada a ver com o museu. Todas as facetas do Futebol em exibição em um grande museu nacional? Que ideia estranha! Uma má reputação precede este esporte - que é do povo, dos povos de todo o mundo - e a ele se associa. Futebol, o esporte mercantil por excelência, no qual o « rei dinheiro » é celebrado em templos chamados de "estádios", onde bilhões de euros são descaradamente utilizados para recrutar certos homens-sanduíche chamados "jogadores". Futebol, este jogo infantil que bajula os instintos machistas e serve de plataforma para manifestações viris e xenófobas. No qual seus apoiadores mais radicais brigam, com punhos cerrados, dentro e fora dos estádios. "O esporte é uma guerra sem armas", disse Orwell. Futebol, esporte inventado por homens e praticado por homens, machistas e bonitos... Clichês? Isso tudo é

verdade. Mas só em parte ... Porque uma visão mais aproximada, menos enviesada e menos contaminada por um elitismo francês que, a priori, despreza as paixões populares, revela que jogo é muito mais equilibrado do que se diz. Então, sim, os exemplos do poder unificador e inspirador do futebol, inspirador de toda uma face do patrimônio, tiveram seu lugar nos painéis e vitrines de um museu dedicado às civilizações da Europa e do Mediterrâneo em sua dimensão contemporânea (D'ANCONA, 2017, p.1)<sup>19</sup>

Entre as obras que iluminaram essa exposição, havia objetos extraordinários recolhidos em cidades onde o futebol é “rei”: uma bola feita com materiais reciclados (Argel), uma série de fotos de “*Virage*” de Lionel Briot sobre os torcedores do Olympique de Marseille, o pôster oficial da primeira Copa do Mundo em 1930, um altar dedicado a Maradona em um bar napolitano, uma visão da diáspora africana pelo retratista senegalês Omar Victor Diop, um documentário sobre uma das rebeldes do futebol, a jogadora de futebol palestina Honey Thaljih, o storyboard da obra “*Hors Jeu*” de Enki Bilal, o cooler de Marcelo Bielsa, treinador do Olympique de Marseille etc.

### 3. Conquista popular

Apesar das inúmeras ações realizadas ao longo de várias décadas pelos museus para o aumento<sup>20</sup> do número de visitantes (políticas de preços, exposições em grande escala), o espaço museal é um caldeirão de aspirações da cultura dominante. A participação de pessoas de “categorias populares” permanece relativamente baixa. Em certos casos, membros da classe trabalhadora sentem-se distantes e assustados com a instituição museal, percebida como o templo dos “gostos dos outros”. O campo esportivo, e em particular o futebol, é uma resposta a um desejo (econômico, político, cívico) dos museus de atrair um público não habituado a ver, nos museus, a celebração de práticas populares. O processo de abertura deu uma guinada decisiva nos anos após a Copa do Mundo de 1998.

Como resultado da vitória da seleção francesa nessa Copa do Mundo (exaltação da diversidade promovida pelo slogan Black-Blanc-Beur), o futebol foi impulsionado como um campo social, cultural e politicamente recompensador e legítimo. Os museus seguiram o exemplo. O *Musée d'Aquitaine* em Bordeaux se encaixa perfeitamente

<sup>19</sup> : D'ANCONA. Laurent : Journal Gratuit de l'exposition « Nous sommes Foot » 11 octobre 2017-4 février 2018, MUCEM, 2017, p.1 ; A contribuição de alguns membros do comitê científico aparece em uma publicação da revista *Desports*, a primeira revista francesa a vincular esporte e literatura. *Desports : Nous sommes Foot. Pour un football populaire. Hors série*, 2017

<sup>20</sup> : Ler o exemplo dos museus nacionais. *Cour des comptes. Les musées nationaux après une décennie de transformations (2000-2010). Rapport public thématique*. Paris. La documentation Française. Mars 2011, p.150 ; DONNAT, Olivier : *les français face à la culture, de l'exclusion à l'éclectisme. La Découverte (collection textes à l'appui/série sociologie)*, 1994, p.156

nessa nova dinâmica de abertura. Depois do sucesso da mostra dedicada ao rugby durante a Copa do Mundo de 2007 na França, ele evocou o mundo do futebol por ocasião da realização do Eurocopa 2016, em solo francês. Em ambos os casos, o interesse pelo assunto foi trazido pelo etnólogo e curador do museu, Paul Matharan. Ele destaca: “E agora os museus! Em poucas décadas o futebol invadiu tudo, a mídia, a economia, a universidade, a cultura ... O esporte mais praticado e assistido do mundo, tornou-se o grande espetáculo e o espelho das paixões humanas” (MATHARAN, P, 2016, p.6)<sup>21</sup>.

Tudo foi dito sobre a relevância do fenômeno. A exposição abordou o futebol sob a ótica das obras artísticas. O conselho científico foi composto por acadêmicos: Jean-Pierre Augustin, geógrafo, professor emérito da Universidade de Bordeaux-Montaigne, Jean-Paul Callède, sociólogo, e André Menault, ex-reitor da Faculdade de Ciências do Esporte da Universidade de Bordeaux, também ex-jogador de futebol profissional. O percurso foi dividido em três partes que se cruzam: o fenômeno (identidade, globalização, espetáculo, encontros, valores e resultados), os atores (os jogadores, as mulheres, os torcedores, os jornalistas) e a veneração (o estádio, a economia, as relíquias, o fervor). O conteúdo informacional foi apoiado por obras de artistas de todo o mundo, como Pablo San José e Cynthia Viera da Espanha, Adama, Nangbele e Kassoum Coulibaly da Costa do Marfim, David Brognon da Bélgica etc.

O Arquivo Nacional também participou do conjunto de eventos relacionados ao futebol durante a Eurocopa 2016. Recém-instalado em Pierrefitte-sur-Seine em Seine-Saint-Denis (2013), o Arquivo Nacional participou de uma notável iniciativa estatal para “mudança da imagem” desse segmento popular, duramente atingido por estigmas sociais. Realizar uma mostra de futebol era uma forma de descentralizar as iniciativas culturais e receber um novo público. A exposição, intitulada "*Le foot, une affaire d'Etat*" (Futebol, um caso de estado, em português), pretendeu lançar luz sobre as questões que envolvem a paixão pela bola. O percurso foi reforçado por:

Documentos de arquivo de fundos presidenciais e ministeriais encontraram seu lugar natural como testemunhas privilegiadas. Cartas de assessores ministeriais, notas das Relações Exteriores sobre questões diplomáticas, relatórios sobre segurança ou sobre os projetos de construção de estádios (ARCHIVES NATIONALES, 2016)<sup>22</sup>.

<sup>21</sup> : MATHARAN Paul (dir.). Football à la limite du Hors Jeu, catalogue d'exposition, Bordeaux, Musée d'Aquitaine Bordeaux, 2016, p.6.

<sup>22</sup> : Communiqué de presse. Archives Nationales Mai 2016.

Ainda por ocasião do encontro das melhores nações europeias do futebol, uma exposição, lançada a pedido do Presidente da República François Hollande (apaixonado por futebol), embelezou o pátio de entrada do Hôtel de Ville – a sede da prefeitura de Paris. A organização foi orquestrada pelo escritor Pierre Louis-Basse, que se tornou o assessor do presidente para “Grandes Eventos”. Esse amante do futebol (autor de vários livros) evoca com ternura e emoção os preparativos para um dos seus melhores momentos no cargo:

Cada um de nós sabia que trazia, ao mesmo tempo, para o Palácio do Eliseu e para o público, uma forma diferente de ver o futebol. Como num encontro com nossa infância inspiradora, quando era preciso esperar longas semanas por um objetivo louco, que iria tirar o nosso sono frágil. Nosso desafio era puro: queríamos a beleza, ao invés da repetição de um mesmo espetáculo. O “drible” das palavras, a doce melancolia dos anos desportivos passados, e a dignidade do tempo presente (BASSE, Pierre-Louis, 2017, p.241)<sup>23</sup>.

Neste local (próximo ao número 30 da Rue Rivoli, um local turístico da cidade) fotografias, imagens de jogadores lendários e textos de escritores brilhantes oferecem aos transeuntes uma magnífica faceta do futebol. Os jogadores de futebol estão em destaque por meio desta exposição pública intitulada: *Football de Légendes. Une histoire européenne*<sup>24</sup>.

Em 2018, o *Institut du Monde Arabe*, com sede em Paris, decidiu realizar uma mostra sobre a importância do futebol no mundo árabe. A ideia surgiu de uma “paixão” do ex-Ministro da Cultura e presidente do estabelecimento Jack Lang, após ter visto a exposição “*Nous sommes Foot*” no MUCEM, em Marselha. Sob a autoridade e o entusiasmo comunicativo de Aurélie Clemente-Ruiz (diretora de exposições), foi constituída uma comissão científica para apoiar o projeto. Oito pessoas foram escolhidas: Mahfoud Amara: especialista em esportes no mundo árabe, professor da Universidade do Qatar, Pascal Blanchard: especialista em história colonial, Claude Boli: gerente científico do Museu Nacional do Esporte, Paul Dietschy: professor de história contemporânea, Youcef Fatès: cientista político, especialista em esporte argelino, Yvan Gastaut: historiador, especialista em imigração, Florent Molle: curador da exposição “*Nous sommes Foot*” MUCEM e Gilles Perez: diretor e curador da exposição “*Nous sommes Foot*” MUCEM. No final de várias reuniões de trabalho, surgiram duas questões: Qual é o lugar do futebol nas sociedades árabes? E qual o papel dos países do mundo árabe no mundo do futebol? Na primavera de 2019, ano da 32ª edição das

<sup>23</sup> : BASSE Pierre-Louis : *Le flâneur de l'Elysée*, Paris, Stock, 2017, p.241.

<sup>24</sup> : Desports. *Football de légendes*. Hors série. 2016.

finais da Copa Africana das Nações, é inaugurada "*Foot et monde arabe*" (O futebol e o mundo árabe, em português) no *Institut du Monde Arabe*. Visitantes regulares e visitantes de primeira viagem se reuniram nesse recinto, que recentemente realizara exposições sobre o Canal de Suez e sobre os Cristãos do Oriente. Na esplanada, vários jogos foram transmitidos, para grande alegria dos fãs e transeuntes que descobriam o lugar.

#### 4. Assinatura artística

No início de abril de 1982, pela primeira vez na França, futebol e arte se uniram em uma galeria de arte. A exposição "*Goal*" aconteceu na Galerie AMC em Mulhouse. Foram reunidas obras de destacados artistas contemporâneos como Messagier, Miro, Alechinsky, Adami, Folon, Monory, Cuello, Rancillac etc. E depois, um vazio. Os diretores de galerias pareciam paradoxalmente se afastar de um fenômeno que estava assumindo uma escala considerável, reforçada pela multiplicação e difusão dos meios de informação. A partir de 1998, o futebol reapareceu entre galeristas e em novos espaços expositivos efêmeros. A galeria parisiense Enrico Navarra organizou uma "estreia" histórica. Passando a palavra ao idealizador:

Em janeiro de 1998, com a aproximação da Copa do Mundo FIFA na França, decidimos organizar uma exposição para acompanhar este evento. Tivemos quatro meses para convencer artistas de renome internacional (Arman, Raynaud, César, Nam June Paik etc.) a participarem desta iniciativa, criando uma obra específica, num espaço de tempo muito curto, sobre um assunto que a princípio não parecia ser capaz de desafiá-los (NAVARRA,2001, p.6)<sup>25</sup>.

O futebol foi elevado à categoria de arte por meio de produções inéditas no Faubourg Saint Honoré, um dos lugares mais exclusivos de Paris. Ao trabalhar como seus antecessores de prestígio (Robert Delaunay, Adrienne Jouclard, Nicolas de Staël, Angel Zarraga, Eduardo Arroyo) para representar o futebol, dessa vez, através de meios extremamente variados (pintura, vídeo, fotografia, escultura etc.), os artistas ocuparam o lugar com múltiplas fontes dessa paixão. Da fotografia de Marina Abramovic às telas de Christophe Von Weyhe, passando pela compressão do tecido e do plástico de César ou do desenho em madeira de Hervé Télémaque, o futebol obteve seu "título de nobreza". Paris concentrava e restituía todas as formas de expressão, que foram entrando gradativamente em um verdadeiro mercado da arte esportiva. Kamel Mennour, galerista parisiense de Daniel Buren e Anish Kapoor, um grande fã de futebol, organizou

<sup>25</sup> :NAVARRA Enrico (ed.): Mondial, Paris, Galerie Enrico Navarra, 2001, p.6.

uma exposição em homenagem ao icônico jogador de futebol Eric Cantona. Foi instalada na loja conceito Colette, frequentada pelos “bobôs” (boêmios burgueses) de Paris. O futebol se tornou uma questão de alta cultura. A adoração por essa prática popular cruzou as fronteiras entre classes. Assim, caíram certas estigmatizações sociais ligadas à paixão pelo futebol. O mundo da arte se abriu para o *jogo do povo*<sup>26</sup>. O futebol foi perdendo seus complexos e experimentou um trampolim cultural sem precedentes. As pessoas no mundo da arte definitivamente abraçaram seu “amor” pelo futebol. É o que se entende nesta declaração de Guillaume Salmon, diretor de comunicação da Colette “Hoje, faz perfeito sentido tomar uns coquetéis, ir a um vernissage na sexta-feira à noite e assistir a um jogo ou bater uma bola no fim de semana” (Le Monde, 2016)<sup>27</sup>.

Titre de l'exposition	Institution/Lieu	Durée
Goal ! Rendez-vous européen.	Musée National du Sport/Nice	31 mars-18 sept.
Football à la limite du hors-jeu	Musée d'Aquitaine/Bordeaux	9 juin-30 oct.
RC Louvre. Mémoires Sang & Or	Louvre-Lens/Lens	20avril-7 nov.
Divinement foot	Musée d'histoire de Lyon/Lyon	21 avril-4 sept.
Foot foraine	Grand Hall de la Villette/Paris	5 juin-10 juillet
Le foot, affaire d'Etat	Archives Nationales/ Pierrefitte-sur-seine	27mai-18 sept.
Football de légendes. Une histoire européenne	Présidence de la République/ Grilles de l'Hôtel de ville de Paris	9 mai-10 juillet
Eric Cantona	Colette/ Paris	6 juin-10 juillet

Tabela 04 – Principais exposições relacionadas ao futebol durante a Eurocopa 2016.

## V. O futebol e a museologia do século XXI

### 1. Materializar

E se o futebol, em virtude de sua ressonância cultural, pudesse fornecer os marcos para uma museologia do século 21? Com a experiência de historiador do mundo contemporâneo e curador, temos tempo para refletir sobre caminhos que abrem novas fronteiras na cenografia de um sujeito social. Poucos sujeitos podem se orgulhar de ser um fato social total, nas palavras de Marcel Mauss. O futebol tem a força social

<sup>26</sup> : WALVIN James : The People's Game, Edimbourg, Mainstream Publishing, 1994.

<sup>27</sup> : *Le Monde*, 30 mai 2016.

de concentrar questões complexas e diversas como a emoção, o corpo, o excesso de partidarismo, a valorização da virilidade, o racismo, a exacerbação do sentimento nacional, as representações artísticas, o progresso científico, a alta costura etc. Para responder às perguntas de um mundo onde a cultura é uma das prioridades para a construção de um futuro de trocas globalizadas, o museu é um observatório pertinente. É um lugar onde podemos criar, inovar, inventar uma forma de definir e representar o mundo de ontem e de hoje. A partir dos exemplos de exposições dedicadas ao futebol, podemos trazer à tona a ideia de que uma exposição só tem sentido se for encarnada, ou seja, se cada objeto selecionado "contiver" matéria, vida. Há toda uma geração de curadores partidários de um verdadeiro "culto ao objeto". Para alguns, uma exposição é antes de mais nada uma reunião de objetos, especialmente objetos arbitrariamente reconhecidos por falarem artisticamente. Uma exposição que trata de esportes seguirá um padrão de pensamento em que cada espaço deve conter uma peça de um campeão. Pouquíssimos lugares são reservados para esportistas "anônimos". Uma exposição de futebol sem a camisa de um grande jogador? Sacrilégio! É uma exposição insuficiente, diriam alguns.

Pode-se estabelecer uma outra visão cenográfica por meio de uma abordagem que vise fazer as pessoas falarem mais do que os objetos, que as coisas.

Veja o caso da exposição que dedicamos à história dos jogadores de futebol africanos na França. Uma das dificuldades apresentadas foi como representar concretamente a trajetória dos jogadores de futebol migrantes. Como abordar um assunto tão pessoal? Como proceder para coletar um pedaço da intimidade dos jogadores de futebol sem ter em mente o fantasma e o peso da relevância museológica? De fato, como conseguir distinguir-se de um dos hábitos museográficos que consiste em expor apenas o que tem um valor artístico, comercial e altamente cultural?

Optou-se por abordar os jogadores e coletar no seu discurso sobre a condição de jogador/imigrante/estrangeiro uma peça que pudesse oferecer uma parte de sua vida.

Assim, optamos por estar atentos a um "objeto-viajante", um objeto móvel repleto de história familiar e distante de seu local de origem. A coleta focou em peças da condição do jogador de futebol-migrante. Em particular, exibimos objetos acompanhados de uma frase do jogador. Portanto apresentamos o grampo de um jogador marroquino<sup>28</sup> e estas palavras: "Sempre tenho o grampo na bolsa nos dias de

---

<sup>28</sup> : A maioria dos jogadores queria permanecer anônimo. Em cada uma das peças emprestadas pelos jogadores, acrescentei apenas a menção de ser uma coleção privada.

jogo. É um objeto que pertencia à minha mãe. É graças a ela que sou o que sou”. Outro jogador de origem senegalesa me confidenciou com um certo desconforto misturado com orgulho uma das suas pulseiras de proteção e me explicou: “Com esta pulseira, sinto-me invencível”. Outro jogador da África subsaariana, de Burkina Faso para ser mais preciso, me emprestou um cartão postal de Ouagadougou, a capital do país, e um chapéu de palha, “símbolo de Burkina Faso que significa o país dos homens íntegros” (BOLI, C, 2010, p13).

## 2. Globalizar

Em 2017, o lançamento do livro “*Histoire mondiale de la France*” (História Global da França, em português) organizado pelo historiador Patrick Boucheron, Professor do Collège de France, caiu como uma “bomba” para a historiografia. Introduce a história do mundo na narrativa nacional, e com isso desencadeia uma “fissura na identidade histórica” que lemos nas colunas do *Le Monde*<sup>29</sup>. Na abertura do livro, Boucheron explica sua abordagem inovadora:

Os autores deste volume têm uma ambição em comum, que pode ser dita em poucas palavras: escrever uma história acessível e aberta da França, oferecendo ao grande público um livro inovador, mas no formato familiar de uma coletânea de datas, a fim de reconciliar a arte de contar histórias com a exigência crítica. Essa ambição é política, na medida em que pretende mobilizar uma concepção pluralista da história, em oposição ao encolhimento da identidade que domina o debate público na atualidade. Principalmente, recusa-se a ceder e a conceder às tensões reacionárias o monopólio das narrativas da “história da França”. Busca retomar sua diversidade, por meio de uma abordagem ampla, apoiada em vigorosa historiografia (BOUCHERON, 2018, p. 7)<sup>30</sup>.

O projeto soa como um chamado a um pensamento globalizado, “descolonizado”, onde a construção nacional se cruza com a global. Oferece ao público espaços de conhecimento no qual as noções de nacional e mundial estejam imbricadas não está muito distante de uma nova direção museográfica. Para exibir o futebol é necessário adotar uma abordagem globalizada, mesmo que as peculiaridades locais não devam, em nenhum caso, ser minimizadas. O futebol oferece um painel da globalização através: do número de países associados à Federação Internacional de Futebol (211 contra 193 membros das Nações Unidas), o mercado de transferência de

<sup>29</sup> : *Le Monde*, dimanche 5- Lundi6 août 2018. Section Débats et analyses, p.2.

<sup>30</sup> : BOUCHERON Patrick (dir.) : *Histoire Mondiale de la France* (édition illustrée et augmentée), Paris, Seuil, 2018, p. 7.

jogadores que transforma os clubes em verdadeiras seleções internacionais. O futebol é um eco da globalização. Tomemos o caso específico do estilo de jogo e da maneira como ele nos obriga a não nos distanciar de uma perspectiva globalizada. Desde o final do século XIX, a forma de jogar mudou profundamente. Nas seleções inglesas da década de 1870, adotou-se opção defensiva. A habilidade das equipes escocesas em incentivar um jogo de passes e dribles se tornou o modelo a seguir na década de 1890. Em meados da década de 1920, o técnico do Arsenal (Londres), Herbert Chapman, introduziu o treinamento em WM (cinco atacantes e cinco zagueiros). O Brasil da década de 1950 (marcado por uma cultura do gesto bonito, da improvisação, da arte da finta) aprimorou a vocação ofensiva ao promover o avanço dos laterais e um jogo focado no ataque. No início da década de 1960, o estilo ultradefensivo conhecido como *catennacio* (o bloqueio) defendido pelo técnico do Inter de Milão, Helenio Herrera (argentino naturalizado francês), fez escola. Na década de 1970, Rinus Michels do Ajax Amsterdam propunha o "futebol total", onde cada jogador participava da ofensiva e da defensiva. Os anos 2000 são caracterizados por um jogo geralmente defensivo, exceto pelo estilo adotado pelas seleções espanhola, brasileira ou alemã.

### 3. Desvirilizar

O mundo do futebol é um dos baluartes da masculinidade. Um grande esforço deve ser feito para quebrar os comportamentos e atitudes que deixam as mulheres em posição de "impedimento" nas diferentes esferas do futebol (treino, gestão de clube, função de árbitro). A história do futebol feminino é antiga e relativamente desconhecida pelo público em geral. Em 1895, uma reunião oficial foi organizada na Inglaterra; seguiram-se partidas de demonstração na Escócia. Na França, o jogo se desenvolveu na década de 1920, apesar da relutância de dirigentes como Pierre de Coubertin. Em 1922-23, dezoito equipes competiram no campeonato de Paris, mas a prática foi prejudicada pelo baixo interesse do público. As décadas de 1970 e 80 são de renascimento: o programa de desenvolvimento da Federação, a criação do campeonato francês (primeiro campeonato europeu) e sobretudo o empenho incondicional das mulheres "infectadas" pelo futebol. Em 1991 nasceu a Copa do Mundo. Cinco anos depois, os Jogos Olímpicos se abriram às mulheres. As perspectivas para o futebol feminino foram mudando, graças aos desempenhos das *bleues* e do Olympique Lyonnais (sete títulos da Liga dos Campeões obtidos entre 2007 e 2020). A luta pelo reconhecimento do futebol feminino continua crescendo em todo o mundo. Em 2008, na Alemanha, o número de jogadoras licenciadas ultrapassou a cifra de um milhão pela primeira vez. A televisão e a imprensa e algumas figuras excepcionais, como a brasileira

Marta, as americanas Mia Hamm e Megan Rapinoe, a alemã Nadine Angerer, a japonesa Homare Sawa ou a norueguesa Ada Hegerberg, desempenham um papel decisivo. O museu pode ser um lugar de conversão de mentalidades. O futebol, pela sua capacidade de sensibilização, pode servir de ferramenta no processo de desvirilização de mentalidades. Para evitar a armadilha da comparação homem-mulher, poderíamos citar o caso do futebol nos Estados Unidos. No país, o peso do futebol feminino em termos de prática escolar, títulos internacionais ou lugar de identificação é uma das peculiaridades do país. O cinema foi um dos primeiros a lidar com a paixão das mulheres. O célebre filme "*Joue-là comme Beckham*" (lançado em 2002), do britânico de origem indiana Gurinder Chada, o filme do diretor iraniano Jafar Panahi, "*Hors jeu*" (2005), o do congolês Delphe Kifouani, "*Les déesses du stade*" (2011), e o do francês Julien Hallard, "*Comme des garçons*" (2018), exploram o amor pelo futebol por parte das mulheres. A paixão pelo futebol deve agora ser entendida em um sentido menos estrito, mais amplo.

#### 4. Descompartimentalizar

A cultura significa expressar culturas. Simplificando, isso significa que uma exposição sobre uma temática social deve revelar um espectro de diferentes expressões culturais, nomeadamente artes gráficas, música, literatura ou cinema.

A evocação do futebol atrai o público, porque é capaz de tocar todas as sensibilidades. Os cânticos são uma parte importante do "arsenal" dos torcedores. Na Inglaterra, o futebol e a música pop estão intrinsecamente ligados. A música dá ritmo ao fervor do jogo. Canções como "*Beautiful day*" do grupo U2, "*Supersonic*" do Oasis ou mesmo "*Three Lions*" de Baddiel, Skinner e Lightning Seeds glorificaram o fervor do futebol da década de 1990. Na Costa do Marfim, desde a década de 1980, para cada competição internacional, uma música popular é dedicada aos Elefantes (apelido dos jogadores e emblema do país). Na França, desde a década de 1990, o público do Racing Club de Lens apropriou-se de "*Au Nord c'était les Corons*", de Pierre Bachelet, e a converteu em um hino local. O cantor de sucesso Pascal Obispo venera o antigo n° 10 dos *bleus* em uma peça intitulada Zinedine (2003). Os músicos há muito têm uma verdadeira simpatia pelo esporte. Basta lembrar que Bob Dylan, um cantor engajado, primeiro músico a ganhar o Prêmio Nobel de literatura, tinha especial paixão por esportistas, em particular boxeadores e jogadores de beisebol<sup>31</sup>. O futebol, em particular

---

<sup>31</sup> : DYLAN Bob. Chroniques. Vol I, Paris, Gallimard, 2010.

suas virtudes, inspirou Albert Camus, autor francês e ganhador do Prêmio Nobel de literatura em 1957:

“O que sei ao certo sobre a moral e as obrigações dos homens devo ao esporte, aprendi com o Racing Universitaire Algérien”. Essas foram as palavras de Albert Camus no jornal semanal *France-Football* sobre sua paixão pela bola, em 1957, quando tinha acabado de receber o Prêmio Nobel de literatura. (*France-Football* 1957, p.6)

Há muitas décadas, a literatura e o futebol são parceiros. Uma nova geração de escritores, especialistas em romances policiais, encontrou no futebol um excelente campo de investigação. Em meados da década de 2010, a editora Métailié publicou vários livros cuja trama envolvia o mundo do futebol. Três autores se destacam: o italiano Luca Masali, com "*Kadhafi, le foot et moi*" (2017), o mexicano Antonio Sarabia, com "*La femme de tes rêves*" (2017) e o malinês Moussa Konaté, com "*L'affaire des coupeurs de têtes*" (2015).

A musealização do futebol é a origem desta “descompartimentalização” necessária para abarcar (nos museus) todas as práticas que expressam a diversidade de paixões das sociedades contemporâneas.

## CONCLUSÃO

O fato futebolístico está saindo gradativamente do campo dos estudos acadêmicos para se integrar aos espaços das instituições culturais. Foi à custa de um longo processo que o futebol, esporte popular por excelência, obteve seu título de nobreza nos maiores museus contemporâneos. Ao contrário da Inglaterra, onde o futebol é entendido como um importante elemento da cultura, na França, a ascensão do esporte ao status de material digno de ser tratado como uma manifestação cultural é relativamente recente. Por mais paradoxal que possa parecer, o futebol estava inserido nas aspirações de artistas de alto nível, mas foi preciso esperar os acadêmicos, em particular o trabalho do etnólogo Christian Bromberger, para que uma reflexão sobre o futebol fosse levada adiante no espaço museológico. Seguiu-se então uma geração de historiadores, sociólogos e geógrafos que buscaram questionar uma infinidade de facetas do futebol, em sintonia com as mudanças nas sociedades contemporâneas. Hoje, o futebol se tornou “inevitável” em um dos santuários da cultura, o museu, porque contém elementos que permitem uma leitura de questões sociais (globalização, gênero, racismo, sentimento de pertencimento a um grupo, expressão artística). Por que então

não repensar a museologia do século XXI a partir das experiências com o futebol nos museus? Esse é outro jogo a ser vencido.

## Referências

BACHIR, Zoudji et REY Didier (dir.): Le football dans tous ses états. Evolutions et questions d'actualité, Louvain-la-Neuve, de boeck, 2015.

BOLI, Claude. Football. Le triomphe du ballon rond, Paris, Les quatre chemins/Musée National du Sport, 2008.

BOLI, Claude. GASTAUT, Yvan et GROGNET, Fabrice : Allez la France ! Football et immigration, Paris, Gallimard, 2010.

COX, Richard. RUSSELL, Dave et VAMPLEY, Wray (ed.). Encyclopedia of British Football, London, Frank Cass, 2002.

DIETSCHY, Paul. Histoire du football, Paris, Perrin, 2010.

DUBY, Georges et PERROT, Michelle. Histoire des femmes en occident. vol 5, Paris, Perrin, 2002.

FERRO, Marc. Cinéma, une vision de l'Histoire, Edition du Chêne, 2003.

FOULON, Charles-Louis (dir). André Malraux et le rayonnement culturel de la France, Bruxelles, Editions Complexe, 2004.

KREBS, Anne et MARESCA, Bruno (dir.). Le renouveau des musées, Paris, La documentation Française (coll. Problèmes politiques et sociaux), n°910, mars 2005.

LAGET, Serge et LAGET, Françoise. L'affiche de sport dans le monde, Paris, France Loisirs, 1996.

PRADO, Patrick. Territoire de l'objet. Faut-il fermer les musées ? , Paris, Editions des archives Contemporaines, 2003.

POULOT, Dominique. Une histoire des musées de France XVIII<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle, Paris, La Découverte, 2008.

POULOT, Dominique. Musée et Muséologie, Paris, La Découverte, 2009.

---

Data de recebimento: 26.02.2021

Data de aceite: 21.03.2021